

A Poesia Didáctica no séc. I d. C.:
manifestações de um género literário

Sunt aliis scriptae, quibus alea luditur, artes
(hoc est ad nostros non leue crimen auos)
quid ualeant tali, quo possis plurima iactu
figere, damnosos effugiasue canes,
tessera quos habeat numeros, distante uocato
mittere quo deceat, quo dare missa modo,
discolor ut recto grassetur limite miles,
cum medius gemino calculus hoste perit,
ut bellare sequens sciat et reuocare priorem,
nec tuto fugiens incomitatus eat;
parua sit ut ternis instructa tabella lapillis,
in qua uicisse est continuasse suos;
quique alli lusus (neque enim nunc persequar omnes)
perdere, rem caram, tempora nostra solent.
Ecce canit formas alius iactusque pilarum,
hic artem nandi praecipit, ille trochi,
composita est aliis fucandi cura coloris;
hic epulis leges hospitioque dedit
alter humum, de qua fingantur pocula, monstrat,
quaeque, docet, liquido testa sit apta mero.
Talia luduntur fumoso mense Decembri,
quae damno nulli composuisse fuit.

(Ov., *Tr.* 2.471-494)

A poesia didáctica revelou-se um género literário extremamente popular na antiguidade greco-latina. O passo supracitado dos *Tristia* dá bem conta da quantidade e diversidade temática de poemas didácticos contemporâneos de Ovídio sobre temas tão díspares como jogos de azar, cerâmica, jogos com bola, natação, jogo do arco, economia doméstica ou cosmética. A grande maioria destes poemas constitui para nós apenas uma vaga e longínqua referência, pois nem conhecemos os seus autores nem temos acesso aos textos.

A recepção dos *Phaenomena* de Arato é um exemplo paradigmático da popularidade alcançada pela poesia didáctica. A sua obra, cujo tema central é ocupado pela astronomia e pela astrologia, teve um enorme êxito tanto no século III a. C., data da sua publicação, como nos séculos posteriores. A atestar esse sucesso temos as repetidas traduções e comentários que chegaram até nós ou de que apenas temos conhecimento. O poema grego foi traduzido por cinco vezes para Latim, por Cícero,

Varrão Atacino, Ovídio, Germânico e Avieno, sobrevivendo apenas as versões de Cícero, Germânico e Avieno. Para além disso, há notícia de pelo menos trinta e sete comentários dos *Phaenomena*. Hiparco, o mais reputado astrónomo alexandrino, redigiu um comentário alargado sobre a obra de Arato, aliás, a única obra daquele autor que permaneceu até aos nossos dias. Significativo é também o facto de Os *Phaenomena* de Arato se encontrarem entre as poucas obras da antiguidade clássica citadas no *Novo Testamento*¹.

A concepção do poeta como educador e moralista está presente desde os alvares da civilização grega². Esta perspectiva reflecte-se nos primeiros textos, com particular incidência nos poemas de Homero e de Hesíodo, e a teoria literária na antiguidade suporta, com poucas excepções, esta convicção. O valor moral e educativo da poesia era reconhecido e sublinhado pelo facto de os jovens iniciarem a sua educação com o estudo dos poetas. Segundo Xenófanes³, Homero aprendia-se desde o começo; através de um passo de Xenofonte⁴, sabemos que havia quem aprendesse de cor os poemas homéricos e, segundo o *Timeu*⁵ de Platão, Sólon era recitado nas escolas pelos alunos. Com muitos outros exemplos poderíamos ilustrar a concepção do poeta na antiguidade mas não queremos deixar de recordar aqui, ainda que como prova indirecta, o célebre passo da *República*⁶ em que Platão proscree os poetas da sua cidade ideal, «insurgindo-se contra a opinião prevalecente no seu tempo, de que Homero fora o educador da Grécia, e, portanto, merecia ser estudado como paradigma»⁷.

Julgava-se que os poetas possuíam inspiração divina e acesso privilegiado ao conhecimento. Esta concepção da autoridade especial dos poetas nunca desapareceu por completo, se bem que a crença na inspiração divina foi sendo gradualmente substituída pela noção do *ingenium*, do talento individual de cada poeta. O filósofo

¹ Vide Sermão de S. Paulo no Areópago, *Actos dos Apóstolos* 17.28.

² Sobre a questão, vide Alexander Dalzell, *The criticism of didactic poetry* (Toronto-Buffalo-London 1996) 8-18, M.^a Helena da Rocha Pereira, “O conceito de poesia na Grécia arcaica”, *Humanitas* 13-14 (1961-1962) 336-357, Werner Jaeger, *Paideia: a formação do homem grego* (São Paulo 1989) 27-58 e Philip R. Hardie, *Cosmos and Imperium* (Oxford 1989) 22-29.

³ Frg. 9 Diehl.

⁴ *Smp.* 3.5-6.

⁵ *timeu*, 21b.

⁶ *R.* 606e-607a.

epicurista Filodemo, no século I a. C., sente ainda necessidade de se insurgir contra a autoridade e o conhecimento frequentemente atribuídos aos poetas.

Os poetas eram considerados detentores privilegiados do conhecimento; a sua função educativa extravasava, porém, o plano ético-moral, pois julgava-se que detinham também conhecimentos específicos e especializados em qualquer espécie de matérias. Nas palavras de Platão, Homero era visto pelos seus admiradores como uma autoridade em todas as áreas técnicas, bem como no domínio da moral e da religião⁸; nos capítulos iniciais da *Geografia* de Estrabão, argumenta-se com grande convicção que Homero é um geógrafo experiente, graças a quem devemos uma valiosa informação sobre o mundo mediterrânico; segundo Aristófanes⁹, é possível aprender agricultura com Hesíodo, medicina com Museu ou as artes da guerra com a épica; no Íon de Platão¹⁰, o rapsodo afirma ser o melhor dos generais por ser aquele que mais familiaridade tem com Homero; Xenofonte¹¹ chega mesmo a invocar o exemplo de Homero para afirmar que o sabor da cebola é o melhor para acompanhar o vinho.

Deste modo, os poetas, para além da sua reconhecida autoridade moral, são considerados autoridades em quaisquer matérias de ordem prática ou técnica. A partir desta bipartição, surgem dois tipos de poesia didáctica: a filosófica ou moral de que são exemplo o *Peri physeôs* de Empédocles ou o *De rerum natura* de Lucrecio e a que trata de matérias técnicas como a agricultura nos *Trabalhos e Dias* de Hesíodo ou no *De re rustica* de Columela. O valor moral e educativo da poesia concede legitimidade a cada um destes dois tipos de poesia didáctica, distinção que evidentemente não pode ser feita de forma absoluta, pois há interferências de parte a parte. No entanto, será fácil concluir que os dois tipos de poesia didáctica interpretam o papel do poeta de forma diferenciada e exigem uma resposta diferente por parte do leitor/ouvinte¹².

Esta concepção primitiva do papel do poeta e da poesia, num tempo em que a prosa não tinha ainda sido inventada, legitima não só a poesia didáctica como torna

⁷ M.^a Helena da Rocha Pereira, op. cit., 353. São referidos neste artigo outros exemplos ilustrativos do papel do poeta e da poesia na Grécia arcaica.

⁸ R. 598e-606e.

⁹ Ra. 1031-1036.

¹⁰ Ion 541.

¹¹ Smp. 4.6-7.

toda a poesia didáctica. Todavia, quando consideramos a poesia didáctica como género literário, convém fazê-lo em sentido estrito, isto é, incluindo apenas poemas que procedam ou, pelo menos, tentem proceder a um tratamento sistemático de uma determinada matéria.

Há que reconhecer, no entanto, que, embora a função didáctica da poesia fosse comumente reconhecida, algumas vezes se insurgiram, desde os tempos mais recuados, contra a legitimidade e autoridade do poeta quer no plano ético-moral quer no plano das áreas técnico-científicas. De facto, desde os primeiros tempos, coexistiram duas posições distintas: uma entende que os poetas possuem uma determinada autoridade e conhecimento, sendo, por isso, os educadores da humanidade; outra põe em questão esse entendimento, negando a verdade da poesia¹³. Tornou-se célebre a afirmação de Aristóteles, no começo da *Poética*, de que entre Homero e Parménides nada existia de comum à excepção do verso¹⁴; segundo o Estagirita, tratados de medicina ou de filosofia natural, ainda que escritos em verso, não podiam ser considerados como poesia. Aristóteles considerava fundamental para a definição de poesia não tanto o metro usado mas mais o carácter imitativo (*mimesis*) da obra. Ainda que se possa discutir a intenção e o alcance da posição de Aristóteles, uma consequência lógica destas afirmações é a exclusão da poesia didáctica da poesia enquanto tal, já que não se enquadra no campo da imitação. Mais tarde, Plutarco, no seguimento das afirmações de Aristóteles, considera que os poemas de Empédocles, Parménides ou de Nicandro (*Theriaca*) não são verdadeira poesia, pois, segundo ele, não pode haver poesia sem ficção¹⁵. Na verdade, o conceito de verdade poética ou a questão da literariedade têm sido questões discutidas até à exaustão pela crítica literária de todos os tempos.

Todavia, apesar de toda a problemática relativa à poesia didáctica e à já referida polémica afirmação de Aristóteles que, como vimos, teve ecos posteriores, a verdade é que os poemas didácticos continuaram a ser escritos, havendo até, pouco depois da

¹² Cf. A. Dalzell, op. cit., 11-12.

¹³ Sobre esta problemática, vide A. Dalzell, op. cit., 13-21; M. R. Wright, 'Philosopher poets: Parmenides and Empedocles', in Catherine Atherton (ed.), *Form and content in didactic poetry* (Bari 1997).

¹⁴ P. 1447b.

morte de Aristóteles, um ressurgimento do interesse pelo género entre os escritores alexandrinos.

Ainda assim, é inegável que o estatuto da poesia didáctica na antiguidade não se encontra muito bem definido. De facto, a poesia didáctica não é entendida pela crítica como um género independente; com frequência, os poetas didácticos são enquadrados pelos gramáticos no rol dos poetas épicos, não havendo consciência clara e inequívoca da autonomia da poesia didáctica face à poesia épica. Cícero não inclui a poesia didáctica entre os cinco géneros que enuncia¹⁶; de igual modo, Horácio também não o faz, quando aponta a existência de seis géneros na *Ars Poetica*¹⁷. Quintiliano integra os poetas didácticos dentro de uma classificação geral que abarca escritores de épica ou de hexâmetro; aí se encontram, lado a lado, poetas gregos como Homero, Hesíodo, Apolónio de Rodes, Arato, Teócrito, Nicandro ou Eufórion (poesia épica, bucólica e didáctica); para Quintiliano, Virgílio, Ovídio, Lucrécio e Germânico são poetas épicos¹⁸.

Muito poucos são os críticos que atribuem à poesia didáctica um lugar próprio e independente na classificação dos géneros literários e, ainda assim, nem sempre de uma forma totalmente clara e desprovida de ambiguidades¹⁹. O chamado *Tractatus Coislinianus*, redigido em grego, inicia-se com uma classificação dos géneros, que parece reservar um enquadramento próprio para a poesia didáctica. No século IV d. C., Diomedes, no seu tratado *Ars Grammatica*, reconhece igualmente a existência da poesia didáctica. O gramático baseou a sua classificação na célebre divisão que Platão estabeleceu sobre os três modos de escrever: ou o poeta fala com a sua própria voz, ou fala através das suas personagens ou combina ambas as estratégias. Contudo, enquanto Platão escolhe o ditirambo para ilustrar o modo em que poeta fala com a sua própria voz, Diomedes aponta, com a mesma intenção, poetas didácticos como Empédocles e Lucrécio.

¹⁵ *Mor.* 16c.

¹⁶ *Opt. Gen.* 1.1.

¹⁷ *Ars* 73-85.

¹⁸ *Inst. Orat.* 10.1.46 sqq.; 10.1.85 sqq..

¹⁹ Cf. A. Dalzell, *op. cit.*, 19-21.

Perante estes dados, somos levados a concluir que a crítica literária, na antiguidade greco-latina, não reconhece um âmbito específico para a poesia didáctica. Não encontramos uma conceptualização clara do género nem das suas características próprias. É significativo o facto de ter sido Sérvio, apenas no séc. IV, o primeiro a utilizar em Latim um termo específico para se referir ao poema didáctico ou ao género didáctico. De facto, Sérvio utiliza no início do seu comentário às *Geórgicas* de Virgílio uma palavra de origem grega - *didascalice* -, para se referir à poesia didáctica. O gramático Diomedes também utiliza o mesmo termo no seu tratado *Ars grammatica*. Esta ausência de um termo específico para referir a poesia didáctica até uma época tão tardia pode ser interpretado como resultado da falta de autonomia da poesia didáctica enquanto género diferenciado da épica.

Nos últimos anos, porém, têm sido publicados alguns trabalhos relevantes para a definição dos códigos literários característicos deste género quer através de estudos individuais de poemas didácticos quer através de estudos mais abrangentes e teóricos sobre a evolução do género desde Hesíodo até Marco Aurélio Olímpio Nemesiano, no séc. III d. C., autor de um poema didáctico sobre a caça, intitulado *Cynegetica*.

Hesíodo é considerado justamente o pai da poesia didáctica pois, de facto, deixou um valioso legado que foi aproveitado e prosseguido pelos seus sucessores. Os poetas didácticos gregos e latinos têm consciência disso e apelam à autoridade de Hesíodo. Os próprios autores testemunham esta filiação: Nicandro, no início do seu poema sobre cobras venenosas, apela para o testemunho de Hesíodo de Ascra; Arato é elogiado por Calímaco por ter adoptado o tema e a forma de Hesíodo.

Virgílio refere-se às *Geórgicas* como ‘*carmen Ascraeum*’:

Salve, magna parens frugum, Saturnia tellus,
magna uirum: tibi res antiquae laudis et artem
ingredior sanctos ausus recludere fontis,
Ascraeumque cano Romana per oppida carmen.

(Verg., *G.* 2.173-176)

Columela, nos versos finais do livro décimo do *De re rustica*, repete as palavras virgilianas:

Hactenus hortorum cultus, Siluine, docebam,

siderei uatis referens praecepta Maronis,
qui primus ueteres ausus recludere fontis
Ascraeum cecinit Romana per oppida carmen.

(Col. 10.433-436)

Manílio abre o seu poema *Astronomica*, imitando a abertura da *Teogonia* de Hesíodo. A tradição da poesia didáctica remonta a Hesíodo, e os poetas didácticos têm disso consciência. O género é um fenómeno de natureza histórica, evolui com o decorrer dos tempos, pois o cânone está em constante evolução. Os autores, porém, inscrevem-se numa determinada tradição quer a respeitem quer a derroguem, e é possível estabelecer essa mesma tradição.

Hesíodo moldou de forma indelével a tradição da poesia didáctica greco-latina. Algumas características da sua obra como a associação com a linguagem épica, o espírito de missão do poeta, o uso do metro (hexâmetro dactílico) ou as digressões ilustrativas, muitas vezes de natureza mitológica, tornaram-se traços fundamentais da poesia didáctica²⁰.

No próemio do comentário de Sérvio às *Geórgicas* de Virgílio encontramos um texto elucidativo do estatuto e das personagens intervenientes na poesia didáctica:

et hi libri didascalici sunt, unde necesse est ut ad aliquem scribantur; nam praeceptum et doctoris et discipuli personam requirit; unde ad Maecenatem scribit, sicut Hesiodus ad Persen, Lucretius ad Memmium.
(ad Verg. Georg. Proem.)

As palavras de Sérvio apontam os três elementos centrais da poesia didáctica: autor, destinatário e matéria. Sérvio deixa bem claro como a poesia didáctica assenta as suas origens sobre uma situação concreta, sobre o processo de ensino-aprendizagem, no qual interagem dois intervenientes privilegiados, o professor e o aluno, com o objectivo de transmitir uma determinada matéria. A poesia didáctica implica uma relação particular entre o autor e o leitor com semelhanças óbvias entre a que se estabelece entre docente e discente²¹. Não se julgue, porém, que é uma relação desprovida de

²⁰ Sobre as características da poesia didáctica, vide Alister Cox, 'Didactic poetry', in John Higginbotham (ed.), *Greek and Latin literature: a comparative study* (London 1969) 124-161; A. Dalzell, op. cit., 8-34; Peter Toohey, *Epic lessons. An introduction to ancient didactic poetry* (London-New York 1996).

²¹ Cf. Carlo Santini, 'I personaggi della poesia didascalica dalla letteratura greca a quella latina', in Dulce Estefanía - Andrés Pociña (eds.), *Géneros literarios romanos. Aproximación a su estudio* (Madrid 1996) 147-163.

complexidade e mesmo de ambivalência. Nas palavras de A. Dalzell, “o poeta didáctico partilha com o professor e o pregador um tipo particular de comunicação”²², revelando-se esta afinidade verdadeiramente significativa pelo facto de a comunicação se voltar sempre para um auditório. As palavras de Sérvio concedem um lugar de relevo ao discente na poesia didáctica, ainda que se trate de uma personagem muda e, algumas vezes, anónima, pois ele é um elemento essencial e imprescindível em qualquer actividade didáctica.

A poesia didáctica implica sempre a existência de um destinatário, com quem o leitor/ouvinte se pode identificar, interessado de alguma forma no tema abordado. De facto, a maior parte dos poetas didácticos identificam nos seus poemas esses destinatários (assim acontece com Hesíodo, Parménides, Empédocles, Nicandro, Lucrécio, Virgílio ou Columela); o destinatário, por vezes, não aparece identificado, mas sente-se sempre a sua presença no poema (Arato, Manílio ou Grátio). A comunicação direcciona-se no sentido do destinatário específico, quase sempre nomeado no poema, mas assistimos com frequência a uma subtil oscilação entre este destinatário específico e o destinatário geral, ou seja, os potenciais leitores/ouvintes.

Alguém que pretenda ensinar uma matéria, tem necessidade prévia de firmar a sua autoridade. Hesíodo, ao receber essa autoridade directamente das mãos das Musas, no monte sagrado do Hélicon, estabeleceu uma convenção sobre a inspiração divina que vai percorrer a poesia didáctica greco-latina²³. Na verdade, o tema hesiódico da inspiração divina tornou-se recorrente na poesia didáctica, ainda que nem sempre sejam as Musas o garante dessa autoridade. Ovídio, no prefácio da sua *Ars amatoria*, parodia maliciosamente esta convenção, afirmando que vai dizer a verdade, mas a verdade que ele alcançou pela experiência e não por intermédio dos deuses:

Non ego, Phoebe, datas a te mihi mentiar artes,
nec nos aeriae uoce monemur auis,
nec mihi sunt uisae Clio Cliusque sorores
seruanti pecudes uallibus, Ascra, tuis;
usus opus mouet hoc; uati parete perito.

²² A. Dalzell, op. cit., 7.

Vera canam; coeptis, mater Amoris, ades.

(Ov., *Ars* 1.25-31)

Um outro traço característico da poesia didáctica são as frequentes digressões que surgem intercaladas na exposição do tema. O poeta aproveita estes excursos, que na maioria dos casos abordam temas mitológicos, para variar o tom da sua exposição didáctica ou até fugir à aridez do tema tratado. Os poetas didácticos integram nos seus poemas estas digressões no respeito por uma convenção estabelecida por Hesíodo, o *prôtos heuretês* do género didáctico. Aliás, o respeito pela convenção vai mais longe, pois não é raro encontrarmos temas hesiódicos como a teodiceia (Arato, Virgílio) ou o nascimento da civilização (Lucrecio, Manílio), tratados por outros poetas didácticos greco-latinos.

Desde Hesíodo que a poesia didáctica adoptou o hexâmetro dactílico como metro convencional. Ovídio utiliza o dístico elegíaco nos seus poemas *Ars amatoria*, *Medicamina faciei feminae* e *Remedia amoris*. Estes poemas têm colocado, no entanto, alguns problemas à crítica pois mesclam características próprias da poesia didáctica e elegíaca, pelo que alguns autores têm reservas quanto à sua inclusão na poesia didáctica, sobretudo no que concerne às obras *Ars amatoria* e *Remedia amoris*.

A variedade de estilos e de intenções didácticas ao alcance dos poetas faz com que haja diferenças em maior ou menor grau entre os diferentes poemas didácticos. Houve, por isso, várias tentativas por parte dos críticos em criar uma taxonomia da poesia didáctica²⁴. A classificação mais usual baseia-se na divisão por áreas temáticas; Addison²⁵ propôs uma divisão tripartida: poemas que tratam de dúvidas morais, de especulação filosófica ou de assuntos práticos; Bernd Effe²⁶ classifica a poesia didáctica segundo um sistema que assenta na intenção didáctica dos textos; é possível

²³ Sobre o assunto, vide Jacyntho Lins Brandão, “As musas ensinam a mentir (Hesíodo, *Teogonia*, 27-28)” *Ágora* 2 (2000) 7-20.

²⁴ Sobre a questão, vide A. Dalzell, op. cit., 31-34; R. Martin - J. Gaillard, *Les genres littéraires à Rome* (Paris 1990) 199-200; Peter Toohey, *Epic lessons. An introduction to ancient didactic poetry* (London-New York 1996); Roy K. Gibson, ‘Didactic poetry as ‘popular’ form: study of imperatival expressions in Latin didactic verse and prose’, 67-69, in Catherine Atherton (ed.), *Form and content in didactic poetry* (Bari 1997).

²⁵ Cf. A. Dalzell, op. cit., 31.

²⁶ Bernhard Effe, *Dichtung und lehre: untersuchungen zur typologie des antiken lehrdgedichts* (München 1977).

também classificar estes poemas, tendo em conta o uso que os leitores deles fazem. Contudo, os resultados das várias tentativas de classificação não são muito satisfatórios, pois revela-se bastante difícil enquadrar os vários poemas segundo categorias e classificações rígidas.

Ultimamente, A. Dalzell estabeleceu duas questões fundamentais, cuja resposta está na base, segundo ele, de uma percepção das diferenças existentes entre os poemas didáticos: em primeiro lugar, qual é a atitude do autor face ao leitor, tal como é implicado pelo texto; em segundo, qual é a atitude, manifestada no próprio poema, que o autor adopta em relação à sua mensagem didáctica²⁷.

Procuraremos, de seguida, demonstrar que a poesia didáctica do século I d. C., apesar das diferenças evidentes, a um primeiro nível, a partir dos próprios títulos, que nos remetem para temáticas bastante distintas, possui traços comuns que lhe dão uma certa unidade e a distinguem, em parte, dos poemas didáticos do século anterior, expoentes máximos do género na literatura latina, escritos pela mão de Lucrecio, Virgílio, Horácio ou Ovídio.

Começemos, em primeiro lugar, por identificar o *corpus* que integra os poemas didáticos do século I d. C., aliás, quase todos das primeiras duas décadas: *Astronomica* de Manílio, *De cultu hortorum* de Columela, *Phaenomena* de Germânico, o poema *De Aetna*, de autor desconhecido, *Halieutica* de Ovídio e *Cynegetica* de Grátio.

Todos estes poemas respeitam as características que enunciámos anteriormente, nomeadamente, o metro, as digressões mitológicas, a existência de um destinatário, a intenção didáctica²⁸.

Em grande parte destes poemas, assistimos a um gosto pela especialização, pela valorização do progresso técnico e científico, que coloca a ciência e a razão como valores fundamentais. O poema de Manílio e a tradução de Germânico dos *Phaenomena* de Arato são prova de um crescente interesse pela astrologia/astronomia, *grosso modo*, pela influência dos astros na vida dos homens, temática que, convém recordá-lo, era então considerada matéria científica de primeira grandeza. A obra de

²⁷ Cf. A. Dalzell, op. cit., 33.

²⁸ Sobre as características dos poemas didáticos do séc. I d. C., vide Peter Toohey, op. cit., 175-199.

Germânico evidencia o gosto pela ciência e pela poesia didáctica de tipo alexandrino. O poema *De Aetna* trata a vulcanologia de uma forma sistemática e científica, defendendo a verdade, a *ratio*, e pondo expressa e deliberadamente de parte as tradicionais explicações mitológicas dos fenómenos vulcânicos. Columela, no *De cultu hortorum*, o décimo livro da sua obra *De re rustica*, o único escrito em verso, revela um conhecimento profundo da matéria tratada, bastante superior ao revelado pelo seu modelo, Virgílio, nas *Geórgicas*. O poema *Halieutica*, atribuído a Ovídio, encontra-se em estado bastante fragmentário e sobre a sua autoria existem muitas dúvidas. Poemas como *Halieutica* ou *Cynegetica* de Grátio são obras de carácter técnico-expositivo sobre duas ocupações tão populares na antiguidade como hoje em dia: a pesca e caça.

Nestes poemas, verifica-se, com frequência, uma tentativa de contrapor a *ratio* ao instinto, o comportamento aprendido e racional ao *furor*. O influxo do estoicismo é um elemento comum a várias destas obras; faz-se sentir sobretudo nos poemas de Manílio, Germânico, Columela e no *De Aetna*. Manílio é um estóico, rejeita expressamente o epicurismo e invoca, no seu poema, os princípios básicos do estoicismo, em particular, o princípio da divina imanência, que atravessa toda a criação e torna benigna a ordem do universo.

De uma forma geral, a função didáctica assume um papel preponderante nestes poemas. Têm um propósito didáctico bem vincado, colocando a tónica na exposição sistemática, minuciosa, directa da matéria tratada. A atitude destes poetas em relação ao assunto abordado não deixa dúvidas sobre a sua intenção genuinamente educativa. O exemplo de maior empenhamento talvez seja o de Manílio, cuja intenção didáctica é inquestionável. O poeta põe todos os seus recursos ao serviço deste fim, apesar de ter perfeita consciência de que não se trata de uma tarefa fácil. O seu estilo, porém, nunca suplanta completamente o conteúdo.

Concluimos com a apresentação de uma análise recente de Peter Toohey²⁹ que perspectiva de uma forma interessante, quiçá polémica, a poesia didáctica como resposta às oportunidades oferecidas pelo tempo livre. Relaciona a evolução do género à luz da relação que os poemas estabelecem com os conceitos de prazer e lazer (*play* e

²⁹ Peter Toohey, op. cit., 238-251.

leisure). Considera que muitos dos poemas do século I d. C., como dos seguintes, tratam de actividades agradáveis, praticadas nos tempos livres, como a caça, a pesca ou a jardinagem, à semelhança das actividades retratadas na *Ars poetica* de Horácio ou na *Ars amatoria* de Ovídio, poesia e sedução. Assinala, no entanto, diferenças assinaláveis: agora o divertimento e o ócio são qualidades que só existem fora dos poemas. Os poemas de Horácio e Ovídio oferecem-nos uma versão de divertimento que implica uma dupla participação por parte dos leitores, na aprendizagem das próprias *artes* dos poemas, e na fruição dos poemas em si mesmos. Segundo o mesmo autor, salvo raras excepções, sobretudo em Manílio e Germânico, mas também em Columela, os poemas do século I d. C. perdem uma dessas dimensões, pois significam aquilo que dizem, sendo quase translúcidos, pois estreitou-se a distância entre a mensagem e o meio utilizado. A fruição, agora, pode existir, mas apenas fora dos poemas.

Talvez o alcance da conclusão seja discutível, pelo menos em parte. Deixamos o difícil julgamento a todos aqueles que quiserem ocupar um pouco do seu tempo livre com a leitura destes poemas...